

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**JOÃO BOTELHO – OS FILMES SÃO HISTÓRIAS, O CINEMA É A MANEIRA**  
**DE AS FILMAR**  
**29 de Setembro de 2022**

**O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS / 2020**

*Um filme de João Botelho*

Realização: João Botelho / Argumento: João Botelho, baseado no romance homónimo de José Saramago / Direcção de Fotografia: João Ribeiro / Cenários: Cláudia Lopes Costa e Carlos Subtil / Guarda-Roupa: Silvia Grabowski / Música: Daniel Bernardes / Som: Paulo Abelho, Tiago Inuit, Francisco Veloso / Montagem: João Braz / Interpretação: Chico Diaz (Ricardo Reis), Luis Lima Barreto (Fernando Pessoa), Catarina Wallenstein (Lídia), Victoria Guerra (Marcenda), Hugo Mestre Amaro (gerente Salvador), João Barbosa (Vitor), Rui Morisson (Dr. Sampaio), Gustavo Vargas (Ramón), Dinis Gomes (Motorista), Cláudio da Silva (policia), etc.

Produção: Ar de Filmes / Produtor: Alexandre Oliveira / Cópia digital (DCP), preto e branco, falada em português / Duração: 129 minutos / Estreia em Portugal: 1 de Outubro de 2020.

\*\*\*

Dizer que o cinema se tem dado mal com a obra de José Saramago é um “understatement”. Nenhum dos filmes que adaptaram as suas ficções conseguiu estar à altura da tarefa, reduzindo a escrita de Saramago a uma espécie de sumo narrativo, e casos houve – é ver o tenebroso **Blindness** que Fernando Meirelles extraiu do *Ensaio sobre a Cegueira* – em que o falhanço foi mesmo obscuro. Curioso notar que, talvez por aquilo a que os franceses chamam o “síndrome de Proust” (um escritor tão imponente enquanto “paradigma” literário nacional que é mais filmado por realizadores estrangeiros do que por franceses), as ficções extraídas a Saramago até têm sido mais uma responsabilidade de estrangeiros do que de portugueses – para além do Meirelles que citámos, há os casos da **Jangada de Pedra** de George Sluizer e do **Homem Duplicado** de Denis Villeneuve, enquanto, antes de Botelho se atirar a **O Ano da Morte de Ricardo Reis**, só outro realizador português dirigira uma longa de ficção baseada em Saramago, António Ferreira com **Embargo** (estas contas deixando de fora curtas-metragens e aproximações documentais ao universo do escritor).

Enfim, será difícil filmar Saramago, pelo menos filmar Saramago bem, se se vir nele um simples fornecedor de histórias (ou pior ainda, de alegorias).

Neste erro, o de tomar um romance de Saramago (talvez o seu melhor, preferência pessoal) como um “pronto a filmar”, João Botelho, a priori, não cai. O seu argumento, sem trair o livro nem virá-lo do avesso, como que reconstrói o romance, insufla-lhe outro ritmo e outra respiração, reinventa-lhe um ambiente visual que não é forçosamente o ambiente visual que a leitura do livro sugere. Um ambiente visual de

filme dos anos 30, num preto e branco às vezes muito frio e contrastado noutras envolvente e quase etéreo (fotografia de João Ribeiro, que se tornou um mestre do preto e branco), com uma planificação que por vezes remete directamente para a época e não fica longe de evocar, por exemplo, as ficções paranoicas de Fritz Lang nessa década, ainda na Alemanha ou já na América. As ligações históricas, de resto, são salientadas, marcando todas as referências ao crescendo dos fascismos europeus visto dum país em que o salazarismo já estava bem implantado (a acção passa-se, recorde-se, entre o final de 1935 e as primeiras semanas de 1936), mas para além disso os paralelismos históricos são incentivados – algo que se torna bastante evidente naquela que, a este respeito, será a mais conseguida e inquietante cena do filme, a do comício onde se instala um leve toque anacrónico (as tarjas), como se 2020 se imiscuísse em 1936, ou vice-versa. Passaram apenas dois anos desde a estreia do filme de Botelho, mas este curioso tornou esses apontamentos e esses paralelismos mais prementes, não menos.

Essa espécie de segundo plano, cheio de uma consciência histórica que é como uma assombração a abater-se sobre as personagens, parece-nos eventualmente mais estimulante do que o eixo central da narrativa, a história da crise existencial (é o termo, mais do que nunca) de Ricardo Reis (o actor brasileiro Chico Diaz), da sua relação com o fantasma do seu criador e heterónimo Fernando Pessoa (ou ao contrário, porque é como se Pessoa é que fosse uma invenção de Reis), da sua relação com duas mulheres contrapolares, a Lídia de Catarina Wallenstein e a Marcenda de Victoria Guerra. Não é a primeira vez que Botelho se encontra com o universo pessoano (ainda que aqui por interposto Saramago), já filmou o **Filme do Dessassossego** (no início desta última série do seu trabalho, assiduamente dedicada a “monumentos” da literatura portuguesa) e há quarenta anos começou por aí, na sua primeira longa-metragem, **Conversa Acabada**, assente na correspondência entre Pessoa e Mário de Sá-Carneiro (e **O Ano da Morte de Ricardo Reis** contém uma discreta citação desse filme, uma espécie de “clin d’oeil”, quando Ricardo Reis viaja de eléctrico sentado ao lado de Fernando Cabral Martins, que foi Pessoa na **Conversa Acabada**).

Luís Miguel Oliveira